

**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

Maurício Almeida Cavalcanti

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A
GRUPOTERAPIA COM CRIANÇAS**

Recife, 2017.

Maurício Almeida Cavalcanti

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE A
GRUPOTERAPIA COM CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no laboratório de produção Científica, ministrado pelo Prof. Dr. Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa, sob a orientação da tutora Andréa Cristina Tavelin Biselli.

Recife, 2017.

RESUMO

O presente TCC - Trabalho de Conclusão de Curso - emergiu a partir da experiência vivenciada como estagiário e co-terapeuta no atendimento em grupo psicoterapêutico com crianças. Tais atendimentos fizeram parte das atividades realizadas em clínica com base na Gestalt-terapia, local onde o autor cumpriu o estágio obrigatório para a conclusão da graduação em Psicologia. Assim, o objetivo do presente trabalho foi relatar a experiência como co-terapeuta em grupo com crianças em situação de destituição de autoridade parental, como estagiário de psicologia clínica com base na Gestalt-terapia. Inicialmente, foi realizada a contextualização da psicoterapia infantil e das esferas grupais, e da psicoterapia de grupo para o desenvolvimento dos indivíduos, articulados à Gestalt-terapia. Posteriormente, foram trazidos os relatos da experiência vivenciada no grupo, bem como as reflexões e questionamentos decorrentes da vivência em quatro momentos distintos: as expectativas para ingressar no grupo como co-terapeuta, os primeiros atendimentos como co-terapeuta, e o momento em que houve uma estabilização e a adoção de um papel mais ativo no grupo, e a finalização do grupo. Ao longo de toda a trajetória percorrida no grupo, várias questões, dúvidas e angústias foram vivenciadas pelo autor, que, conforme foi ampliando o contato com o grupo e com a base teórica da Gestalt-terapia, pôde fechar um melhor entendimento sobre os fenômenos ocorridos no grupo, além de conseguir efetuar uma melhor articulação entre a teoria e a prática, fatos estes, contidos no presente TCC em formato de relato de experiência.

Palavras-Chave: Relato de experiência; Gestalt-terapia; Psicoterapia de grupo; Psicoterapia infantil.

ABSTRACT

The present TCC - Conclusion of Short Work - emerged from the lived experience as trainee and co-therapist in the care in a psychotherapeutic group with children. These visits

were part of the activities carried out in a Gestalt-therapy clinic, where the author completed the mandatory internship for the graduation of Psychology. Thus, the objective of the present study was to report the experience as a co-therapist in a therapeutic group with children in situations of deprivation of parental authority, as trainee of clinical psychology based on Gestalt therapy. Initially, the contextualization of children's psychotherapy and group spheres and group psychotherapy for the development of individuals, articulated to Gestalt therapy, was carried out. Subsequently, the reports of the experience lived in the group were presented, as well as the reflections and questions arising from the experience in four different moments: the expectations to join the group as a co-therapist, the first consultations as a co-therapist, and the moment when there was a stabilization and the adoption of a more active role in the group and the finalization of the group. Throughout the whole course of the group, several questions, doubts and anxieties were experienced by the author, who, as he extended contact with the group and with the theoretical basis of Gestalt therapy, could close a better understanding of the phenomena that occurred in the group, besides being able to make a better articulation between the theory and the practice, facts these, contained in the present CBT in format of report of experience.

Keywords: Experience report; Gestalt therapy; Group psychotherapy; Child Psychotherapy.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	05
2. OBJETIVOS.....	09
2.1 objetivo geral.....	09
2.2 objetivos específicos.....	09
3. MÉTODO.....	10
3.1 instrumento.....	10
3.2 procedimento de coleta de dados.....	10
3.3 procedimento de análise de dados.....	11
4. RESULTADOS.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXOS.....	36

1. INTRODUÇÃO

É importante salientar que foi Freud (1980) quem primeiramente deu grande contribuição para este campo de estudo, sobretudo, por ter salientado que é no período da infância que se estrutura boa parte da personalidade do indivíduo.

Embora os estudos apresentados por Freud (1980) parecessem ser simples, a conclusão obtida por ele foi extremamente perspicaz, uma vez que se trata de uma descoberta que fundamentou a elaboração de uma proposta clínica para o trabalho com crianças, qual seja, o brincar como possibilidade de expressão e elaboração de frustrações e conflitos. (AGUIAR, 2015)

Uma vez estabelecidas as premissas de que havia possibilidade de interpretação e de que o brincar se apresentava como ferramenta para que as crianças se expressem, outra autora que seguiu os estudos sobre a temática foi Melanie Klein.

Tomando por base a teoria do “*fort-da*”, elaborada por Freud (1980), Melanie Klein (1981), ao defender o viés da psicoterapia voltada às crianças, salientou que elas não seriam capazes de se submeter à terapia por meio da “associação livre”, e que a linguagem do brinquedo seria a mais adequada para ser interpretada. Assim, a referida autora abriu definitivamente o caminho para que o trabalho com crianças se utilizasse de um olhar para além da fala, ou melhor dizendo, para a linguagem não verbal, que, é predominante no período da infância.

O sucesso da abordagem psicanalítica Kleiniana reverberou bastante no mundo acadêmico, fazendo com que a autora conseguisse inúmeros adeptos, entre eles, Donald Winnicott, pediatra e psicanalista. Dentre as grandes contribuições de Winnicott (1975), está a “Teoria do Brincar” que, além de estabelecer norteadores sobre a diferenciação entre crianças e adultos por meio do conceito de “espaço transicional”, também enfatizou que ao psicoterapeuta não caberia apenas a mera interpretação do brincar, e sim ter uma participação mais ativa e engajada, ou seja, uma maior valorização e atenção à criança.

Com o passar dos anos, vários autores pertencentes a inúmeras abordagens passaram a se ocupar de estudos sobre a temática em comento. Contudo, um maior destaque deve ser dado à obra de Virginia Axline (1984), com a publicação de “Ludoterapia”, na qual apresentou uma visão fenomenológica para a psicoterapia infantil.

Na referida obra a autora permanece defendendo a utilização dos brinquedos e recursos lúdicos, todavia, o foco passou a ser totalmente voltado para a criança, com o mínimo de intervenção do psicoterapeuta, que, deixou de interpretar o comportamento das crianças, permitindo que elas mesmas significassem seus comportamentos (Axline, 1984).

Trata-se de uma modificação de paradigma significativa pela qual vários terapeutas de diversas abordagens, sobretudo as que corroboram com uma visão de homem humanista, existencial e fenomenológica passaram a adotar, dentre eles, os Gestalt-terapeutas.

Uma vez citados os pilares históricos da psicoterapia infantil, e, devidamente salientado onde a Gestalt-terapia se insere com relação à psicoterapia infantil, faz-se mister tecer algumas considerações sobre o homem e seu desenvolvimento por meio das esferas grupais.

A inserção em grupos sociais é uma característica comum e essencial aos seres humanos, que, desde o momento em que nascem até a morte passam a vida circulando entre diversas esferas de grupos, sejam o familiar, os escolares, de trabalho, acadêmicos ou voltados para outras atividades e finalidades.

Para Bechelli e Santos (2005) é dentro do contexto dos grupos que se desenvolvem as habilidades de relacionamento interpessoal, o desenvolvimento de papéis e da personalidade, conforme as influências culturais impostas aos indivíduos. Ou seja, resta clara a importância e o reflexo dos grupos para o desenvolvimento do âmbito individual das pessoas.

E, uma vez evidenciada a importância da esfera grupal para o desenvolvimento individual, vale frisar que no âmbito da psicoterapia há inevitavelmente um viés focado na terapia em grupo, ou, como alguns autores denominam, grupoterapia. Historicamente, tal modalidade de atendimento psicoterápico teve seu desenvolvimento no período da II Guerra Mundial, em decorrência da carência quantitativa de profissionais nos hospitais para atender a grande demanda de pacientes (BORIS 2014). Todavia, foi nas últimas décadas que tal modalidade de atendimento alcançou um efetivo grau de desenvolvimento, seja no campo prático, seja no campo das pesquisas.

Na atualidade, de uma maneira geral, pode-se dizer que na grupoterapia o psicoterapeuta busca se utilizar de uma atuação voltada para facilitar a participação e

interação dos componentes do grupo, de forma que todos possam expressar livremente suas emoções e pensamentos. (BECELLI E SANTOS, 2005)

No que diz respeito à Gestalt Terapia, primeiramente, vale frisar que a fundamentação filosófica da referida abordagem está norteada por princípios do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia, sendo o homem compreendido com um ser munido de possibilidades e potencialidades, que, podem e devem ser apreciadas ao longo do processo terapêutico. Outro ponto que merece destaque é a visão de liberdade e responsabilidade imputadas ao homem no que diz respeito às suas escolhas e decisões ao longo de sua vida (CARDOSO, 2009).

Uma vez trazida a visão sobre o homem a partir da Gestalt Terapia, vale destacar a concepção de grupo que emana da referida abordagem, na qual, configura-se por meio das contribuições da teoria de campo de Kurt Lewin (1965) e na fenomenologia, que, destacam a contínua relação entre o organismo e o campo, sendo a experiência a fronteira entre ambos. (KURT LEWIN, 1965 apud FUKUMITSU e FRAZÃO, 213, p.120)

Neste sentido, a Teoria do Campo desenvolvida por Kurt Lewin (1965), engloba tanto o organismo quanto o ambiente, sendo o campo o espaço vital onde ocorrem as percepções, ações, sentimentos e significados de cada pessoa, conforme salienta Cardoso (2009). Ou seja, a experiência de cada pessoa no campo é única, tendo como base as vivências de cada um. Em outras palavras, a Gestalt-terapia olha para a singularidade de cada homem e, tal singularidade decorre da maneira como cada um irá se relacionar e significar as experiências vividas no campo por meio do contato.

Teoria de campo é um enfoque ou ponto de vista para examinar e elucidar eventos, experimentações, objetos, organismos e sistemas, que são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que, em conjunto, formam uma totalidade unificada interativa contínua (campo), em vez de classificá-las de acordo com a natureza inata ou analisá-las com a finalidade de obter aspectos separáveis e totalidades formativas e somáveis. A identidade e a qualidade de qualquer evento, objeto ou organismo desse tipo apenas o é, em-um-campo contemporâneo, e somente pode ser conhecida por meio de uma configuração, formada por uma interação mutuamente influenciável entre percebedor e percebido. (YONTEF (1998 p.210)

E ainda:

Em toda ou qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos que partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como

parte da definição deste, ou falar de comer sem considerar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade e um chão para apoio, ou da fala sem comunicadores (PERLS et al., 1997, p.42).

Tais conjecturas são extremamente relevantes para o entendimento dos fenômenos grupais segundo a abordagem Gestáltica, uma vez que cada participante do grupo exerce influência sobre os outros participantes, bem como sobre o grupo como totalidade. Logo, são recíprocas e múltiplas as influências, o que fornece ao grupo várias perspectivas além de um caráter de constante desenvolvimento.

Sobre a base fenomenológica da Gestalt-terapia, e, sobretudo, no trabalho com crianças, merece destaque a obra de Aguiar (2015), que, sobre o tema se manifesta da seguinte maneira:

A metodologia empregada é a fenomenologia, que, com o auxílio de técnicas facilitadoras, visa auxiliar uma maior awareness da criança a respeito de si mesma e do mundo, expandindo e flexibilizando suas possibilidades de contato, e com isso, criando outras formas de estar no mundo. (AGUIAR, 2015, p.149)

E ainda:

O processo terapêutico em Gestalt-terapia com crianças tem o objetivo de resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento da criança, propiciando oportunidades, conforme diz Oaklander (1992), de reencontrar a vivacidade e o contato pleno com o mundo por meio da desobstrução de seus sentidos, do reconhecimento do corpo, da identificação, aceitação e expressão de seus sentimentos suprimidos, da possibilidade de realizar escolhas e verbalizar suas necessidades, bem como de encontrar formas de satisfazê-las, além de aceitar-se como é na sua singularidade. (AGUIAR, 2015, p.149)

Trazidas articulações entre a psicoterapia infantil, os grupos e a Gestalt-terapia, o presente trabalho busca relatar a experiência vivida no estágio em psicologia clínica com base teórica voltada para a Gestalt-terapia, dentro do contexto da grupoterapia infantil. Desta feita, a relevância do presente trabalho resta devidamente configurada, uma vez que, assim como o autor, outros estudantes da graduação, na ocasião em que foram escolher o campo de estágio, ou profissionais ingressando no contexto da clínica gestáltica infantil terão o presente relato como um instrumento de consulta para que possam se apropriar mais sobre o tema.

2.OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Relatar a experiência da grupoterapia com crianças em situação de destituição de autoridade parental, como estagiário de psicologia clínica com base na Gestalt-terapia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar a grupoterapia com crianças como modalidade de prática psicológica na perspectiva da Gestalt-terapia.
- Relatar a experiência da formação do estagiário na clínica na modalidade de grupoterapia com crianças.

3. MÉTODO

A metodologia utilizada recorreu a um enfoque qualitativo na perspectiva de cunho fenomenológico adequada a abordagem da Gestalt-terapêutica, uma vez que o pesquisador fenomenológico pretende entender a experiência intencional, vivida. O elemento central é a intencionalidade própria e constitutiva do relato, ou seja, o que ele é. Para a análise fenomenológica do relato, é preciso trazer a experiência vivida que no ato da relação interpessoal é comunicada através de narrativas. A experiência vivida, quando acessada inicialmente pelo pesquisador, já não é mais pura, mas composta de concepções, espertezas, construções da consciência, ou seja, versões do vivido. Para se aproximar da experiência em si é preciso ir além das estruturas já dadas, ter senso crítico, deixar as estruturas de lado por um momento, fazer a chamada redução fenomenológica (AMATUZZI, 2001).

3.1 Instrumento:

Como instrumento de coleta de dados, foram usadas as narrativas contidas nos relatórios de estágios e nos diários de campo do estagiário. Este instrumento está fundado na ideia do narrador de Benjamim (1984), o qual postula que ao articular a narrativa e experiência, o narrador elabora e transmite suas experiências sobre a temática pesquisada. Através da discussão teórica e das narrativas das sessões, buscou-se mostrar como os conceitos e métodos gestálticos podem fundamentar a grupoterapia e sustentar o estágio em psicologia clínica.

3.2 Procedimento de Coleta de dados:

Após cada atendimento foram anotados, no diário de campo e relatórios do portfólio as experiências do estagiário, narrando as vivências com o grupo terapêutico. Posteriormente, foi feita a interpretação dessas narrativas.

3.3 Procedimento de Análise dos Dados:

A análise dos dados seguiu os passos indicados por Giorgi (2008), resumidos da seguinte maneira: 1º — *O sentido do todo*: de posse das narrativas dos relatórios de estágio e diário de campo, buscou-se o sentido do todo para melhor apropriação da experiência comunicada e compreensão da linguagem utilizada pelo sujeito colaborador. 2º — *Identificação das unidades de significado*: após o primeiro passo, configurou-se a busca pela identificação das unidades de significado nas narrativas, privilegiando a perspectiva psicológica que emergiu dos depoimentos conforme significados reais atribuídos pelo narrador. 3º — Transformação das expressões cotidianas do sujeitos numa linguagem psicológica. Nesta etapa buscou-se a presentificação de cada unidade de significado, privilegiando múltiplas descrições do sujeito colaborador na tentativa de elucidar os aspectos psicológicos num aprofundamento teórico que corresponda a compreensão das narrativas. 4º — síntese das unidades de significado nos relatos de experiência do sujeito colaborador. Na compreensão das unidades de sentido, foram apresentados fragmentos dos relatos dos relatórios e diários de campo.

4. RESULTADOS

Atendendo às normas do trabalho de conclusão de curso da FPS, os resultados deste TCC serão apresentados no formato de artigo considerando as normas de submissão da Revista IGT na Rede.

ARTIGO

**Relato De Experiência: Um Olhar Gestáltico Sobre a Grupoterapia
Com Crianças**

Experience Report: A Gestalt Look at Group Therapy with Children

RESUMO

O presente artigo emergiu a partir da experiência vivenciada como estagiário e co-terapeuta no atendimento em grupo psicoterapêutico com crianças. Tais atendimentos fizeram parte das atividades realizadas em clínica com base na Gestalt-terapia, local onde o autor cumpriu o estágio obrigatório para a conclusão da graduação em Psicologia, sendo o objetivo do presente trabalho, relatar a experiência como co-terapeuta em grupo com crianças em situação de destituição de autoridade parental como estagiário de psicologia clínica com base na Gestalt-terapia. Inicialmente, foi realizada a contextualização da psicoterapia infantil e das esferas grupais para o desenvolvimento dos indivíduos, articulados à Gestalt-terapia. Posteriormente, foram apresentados os relatos da experiência vivenciada no grupo, procurando trazer as reflexões e questionamentos decorrentes das vivências em quatro momentos distintos: as expectativas para ingressar no grupo como co-terapeuta, os primeiros atendimentos como co-terapeuta, o momento em que houve uma estabilização e a adoção de um papel mais ativo no grupo e a finalização do grupo.

Palavras-Chave: Relato de experiência; Gestalt-terapia; Psicoterapia de grupo; Psicoterapia infantil.

ABSTRACT

The present article emerged from the lived experience as trainee and co-therapist in the group psychotherapeutic care with children. These consultations were part of the activities carried out in a Gestalt-therapy clinic, where the author completed the mandatory internship for the graduation of Psychology. The objective of the present study was to report the experience as a therapist in a therapeutic group with children in situations of deprivation of parental authority as trainee of clinical psychology based on Gestalt-therapy. Initially, the contextualization of the child psychotherapy and the group spheres for the development of individuals, articulated to Gestalt therapy, was carried out. Subsequently, the reports of the experience lived in the group were presented, seeking to bring the reflections and questions arising from the experiences in four different moments: the expectations to join the group as a co-therapist, the first consultations as a co-therapist, the moment when there was a stabilization and the adoption of a more active role in the group and the end of the group.

Keywords: Experience report; Gestalt therapy; Group psychotherapy; Child Psychotherapy.

INTRODUÇÃO

Durante toda a graduação, a psicoterapia infantil, a psicoterapia de grupo e a abordagem da Gestalt-terapia foram estudadas em um âmbito mais generalista, sem que tenha havido um maior aprofundamento, sobretudo no que diz respeito ao contexto do atendimento clínico em que todos os temas supracitados se apresentam ao mesmo tempo.

A inserção em grupos sociais é uma característica comum e essencial aos seres humanos, que, desde o momento em que nascem até a morte passam a vida circulando entre diversas esferas de grupos, sejam o familiar, os escolares, de trabalho, acadêmicos ou voltados para outras atividades e finalidades, conforme salienta Boris (2014).

Para Bechelli E Santos (2005) É dentro do contexto dos grupos que se desenvolvem as habilidades de relacionamento interpessoal, o desenvolvimento de papéis e da personalidade, conforme as influências culturais impostas aos indivíduos. Ou seja, resta clara a importância e o reflexo dos grupos para o desenvolvimento do âmbito individual das pessoas.

Na atualidade, de uma maneira geral, pode-se dizer que na psicoterapia de grupo o psicoterapeuta busca se utilizar de uma atuação voltada para facilitar a participação e interação dos componentes do grupo, de forma que todos possam expressar livremente suas emoções e pensamentos (BECHELLI E SANTOS, 2005).

Geralmente, quando se pensa em atendimento clínico, a modalidade que se imagina é a individual, a associação entre ambas é imediata. Todavia, o presente trabalho parte da experiência vivenciada dentro do contexto da clínica gestáltica em psicoterapia de grupo com crianças.

Uma vez inserido no contexto do estágio na clínica gestáltica, a temática para a elaboração do presente trabalho foi emergindo naturalmente a partir das práticas e atividades desenvolvidas no referido campo de estágio, sendo a mais instigante e desafiadora o grupo terapêutico com crianças.

Trata-se de um grupo composto por quatro crianças, todas advindas de um lar de acolhimento, e mais dois co-terapeutas. As dúvidas e receios que surgiram a partir do momento em que foi feita a proposta para ingressar no grupo, bem como as inquietações e reflexões que brotaram após o ingresso como co-terapeuta são trazidas no presente artigo no formato de relato de experiência.

Como instrumento para o presente trabalho, foram utilizadas as anotações feitas após cada atendimento e relatos contidos no portfolio acadêmico, contendo as experiências e narrativas das vivências com o grupo terapêutico e, posteriormente, foi feita a interpretação dessas narrativas, segundo o método na perspectiva de cunho fenomenológico, articuladas aos temas da psicoterapia infantil, de grupo e da Gestalt-terapia.

O estudo inicia com a contextualização da psicoterapia infantil e das esferas grupais para o desenvolvimento dos indivíduos, articulados à Gestalt-terapia. Posteriormente, foram trazidos os relatos da experiência vivenciada no grupo, procurando trazer as reflexões e questionamentos decorrentes em quatro momentos distintos: as expectativas para ingressar no grupo como co-terapeuta, os primeiros atendimentos como co-terapeuta, o momento em que adotei um papel mais ativo no grupo e a finalização do grupo.

A relevância do presente trabalho justifica-se pelo fato de que outros estudantes da graduação na ocasião em que foram escolher o campo de estágio, ou profissionais ingressando no contexto da clínica gestáltica infantil terão o presente relato como um instrumento de consulta para que possam se apropriar mais sobre o tema aqui trazido, em que pese este ser apenas um dentre os vários caminhos que podem ser percorridos, uma vez que cada fenômeno é único e liga-se diretamente ao contexto do qual emana. Ou seja, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência da psicoterapia de grupo com crianças em situação de destituição de autoridade parental, como estagiário de psicologia clínica com base na Gestalt-terapia.

A PSICOTERAPIA INFANTIL E A PSICOTERAPIA DE GRUPO NO CONTEXTO DA GESTALT-TERAPIA

Inicialmente, sobre a temática da psicoterapia infantil, é importante salientar que foi Sigmund Freud (1980) quem primeiramente deu grande contribuição para este campo de estudo, sobretudo, por ter salientado que é no período da infância que se estrutura boa parte da personalidade do indivíduo.

Embora os estudos apresentados por Freud parecessem ser simples, a conclusão obtida por ele foi extremamente perspicaz, uma vez que se trata de uma descoberta que fundamentou a elaboração de uma proposta clínica para o trabalho com crianças, qual seja, o brincar como possibilidade de expressão e elaboração de frustrações e conflitos. E, uma vez estabelecidas as premissas de que havia possibilidade de interpretação e de que o brincar se apresentava como ferramenta para que as crianças se expressem, outra autora que seguiu os estudos sobre a temática foi Melanie Klein. (AGUIAR, 2015)

Tomando por base a teoria do “*fort-da*”, elaborada por Freud, Melanie Klein (1981), ao defender o viés da psicoterapia voltada para as crianças, salientou que elas não seriam capazes de se submeter à terapia por meio da “associação livre”, e que a linguagem do brinquedo seria a mais adequada para ser interpretada. Assim, a referida autora abriu definitivamente o caminho para que o trabalho clínico com crianças se utilizasse de um olhar para além da fala, ou melhor dizendo, para a linguagem não verbal, que, é predominante no período da infância.

O sucesso da abordagem psicanalítica Kleiniana reverberou bastante no mundo acadêmico, fazendo com que a autora conseguisse inúmeros adeptos, entre eles, Donald Winnicott, pediatra e psicanalista. Dentre as grandes contribuições de Winnicott (1975), está a “Teoria do Brincar” que, além de estabelecer norteadores sobre a diferenciação entre crianças e

adultos por meio do conceito de “espaço transicional”, também enfatizou que ao psicoterapeuta não caberia apenas a mera interpretação do brincar, e sim ter uma participação mais ativa e engajada, ou seja, uma maior valorização e atenção à criança.

Com o passar dos anos, vários autores, pertencentes a inúmeras abordagens passaram a se ocupar de estudos sobre a temática em comento. Contudo, um maior destaque deve ser dado à obra de Virginia Axline (1984), com a publicação de “Ludoterapia”, na qual, ela apresenta uma visão fenomenológica para a psicoterapia infantil. Na referida obra a autora permanece defendendo a utilização dos brinquedos e recursos lúdicos, todavia, o foco passou a ser totalmente voltado para a criança, com o mínimo de intervenção do psicoterapeuta, que, deixou de interpretar o comportamento das crianças, deixando que elas mesmas significassem seus comportamentos (AXLINE, 1984).

Trata-se de uma modificação de paradigma significativa, pela qual vários terapeutas de diversas abordagens, sobretudo as que corroboram com uma visão de homem humanista, existencial e fenomenológica, passaram a adotar, dentre eles os Gestalt-terapeutas.

Uma vez citados os pilares históricos da psicoterapia infantil, e, devidamente salientado onde a Gestalt-terapia se insere com relação à psicoterapia infantil, faz-se mister tecer algumas considerações sobre o homem e seu desenvolvimento por meio das esferas grupais. E, uma vez evidenciada a importância da esfera grupal para o desenvolvimento do individual, vale frisar que no âmbito da psicoterapia há inevitavelmente um viés focado na terapia em grupo, ou, como alguns autores denominam, grupoterapia.

Historicamente, tal modalidade de atendimento psicoterápico teve seu desenvolvimento no período II Guerra Mundial, em decorrência da carência quantitativa de profissionais nos hospitais para atender a grande demanda de pacientes. Todavia, foi nas últimas décadas que tal modalidade de atendimento alcançou um efetivo grau de desenvolvimento, seja no campo prático, seja no campo das pesquisas.

No que diz respeito à Gestalt Terapia, primeiramente, vale frisar que a fundamentação filosófica da referida abordagem está norteadas por princípios do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia, sendo o homem compreendido com um ser munido de possibilidades e potencialidades, que, podem e devem ser apreciadas ao longo do processo terapêutico. Outro ponto que merece destaque é a visão de liberdade e responsabilidade imputadas ao homem no que diz respeito às suas escolhas e decisões ao longo de sua vida (CARDOSO, 2009).

Uma vez trazida a visão sobre o homem a partir da Gestalt Terapia, vale destacar a concepção de grupo que emana da referida abordagem, na qual, configura-se por meio das contribuições da teoria de campo de Kurt Lewin (1965) e na fenomenologia, que, destacam a contínua relação entre o organismo e o campo, sendo a experiência a fronteira entre ambos. (KURT LEWIN, 1965 apud FUKUMITSU e FRAZÃO, 213, p.120)

Neste sentido, a Teoria do Campo desenvolvida por Kurt Lewin (1965), engloba tanto o organismo quanto o ambiente, sendo o campo o espaço vital onde ocorrem as percepções,

ações, sentimentos e significados de cada pessoa, conforme salienta Cardoso (2009). Ou seja, a experiência de cada pessoa no campo é única, tendo como base as vivências de cada um. Em outras palavras, a Gestalt-terapia olha para a singularidade de cada homem e, tal singularidade decorre da maneira como cada um irá se relacionar e significar as experiências vividas no campo por meio do contato.

“Teoria de campo é um enfoque ou ponto de vista para examinar e elucidar eventos, experimentações, objetos, organismos e sistemas, que são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que, em conjunto, formam uma totalidade unificada interativa contínua (campo), em vez de classificá-las de acordo com a natureza inata ou analisá-las com a finalidade de obter aspectos separáveis e totalidades formativas e somáveis. A identidade e a qualidade de qualquer evento, objeto ou organismo desse tipo apenas o é, em-um-campo contemporâneo, e somente pode ser conhecida por meio de uma configuração, formada por uma interação mutuamente influenciável entre percebedor e percebido”. (YONTEF, 1998 p.210)

E ainda:

“Em toda ou qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos que partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem considerar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade e um chão para apoio, ou da fala sem comunicadores.” (PERLS et al., 1997, p.42).

Tais conjecturas são extremamente relevantes para o entendimento dos fenômenos grupais segundo a abordagem Gestáltica, uma vez que cada participante do grupo exerce influência sobre os outros participantes, bem como sobre o grupo como totalidade. Logo, são recíprocas e múltiplas as influências, o que fornece ao grupo várias perspectivas além de um caráter de constante desenvolvimento.

Sobre a base fenomenológica da Gestalt-terapia, e, sobretudo, no trabalho com crianças, merece destaque a obra de Luciana Aguiar Lima (2015), que, sobre o tema se manifesta da seguinte maneira:

“A metodologia empregada é a fenomenologia, que, com o auxílio de técnicas facilitadoras, visa auxiliar uma maior awareness da criança a respeito de si mesma e do mundo, expandindo e flexibilizando suas possibilidades de contato, e com isso, criando outras formas de estar no mundo”. (AGUIAR, 2015, p.149)

E ainda:

“O processo terapêutico em Gestalt-terapia com crianças tem o objetivo de resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento da criança, propiciando oportunidades, conforme diz Oaklander (1992), de reencontrar a vivacidade e o contato pleno com o mundo por meio da desobstrução de seus sentidos, do reconhecimento do corpo, da identificação, aceitação e expressão de seus sentimentos suprimidos, da possibilidade de realizar escolhas e verbalizar suas necessidades, bem como de encontrar formas de satisfazê-las, além de aceitar-se como é na sua singularidade”. (AGUIAR, 2015, p.149)

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O trabalho com em grupo e principalmente com crianças se apresentou como um campo totalmente desconhecido e inexplorado, motivo pelo qual, o desafio de atuar no referido grupo mostrou-se como a fonte motivadora para a elaboração do TCC na modalidade de um relato de experiência. Ao longo dos meses de abril à novembro tive que produzir anotações mensais sobre o campo de estágio, e, inevitavelmente, um dos pontos dos relatos sempre foi o grupo terapêutico com crianças. Logo, tal atividade se apresentou como a mais instigante, o que tornou a sua escolha para compor o relato de experiência no TCC como a mais lógica.

De início, por desconhecimento sobre o a forma como o grupo acontecia e, principalmente por possuir pouco conhecimento teórico sobre a abordagem da Gestalt-terapia e seu viés fenomenológico, fiquei bastante intrigado com o funcionamento do grupo, com a maneira como as crianças interagiam e principalmente com a ausência de atribuição de significados imediatos por parte dos outros terapeutas do grupo.

Assim, só após me debruçar sobre a literatura e experienciar a vivência e atuação como co-terapeuta no grupo, foi que passei a me encaixar no contexto e na proposta grupal, e, compreender um pouco mais seu funcionamento.

1 - Primeiro Momento - As Expectativas

Ser inserido em um grupo terapêutico com 04 crianças se apresentou como um grande desafio, uma vez que além de se tratar de um grupo que já estava formado há algum tempo, ele também já continha dois terapeutas em sua composição. O fato de ser um grupo infantil foi muito assustador, já que era um público com o qual nunca tive muita facilidade de diálogo e interação. Tratava-se de um universo completamente desconhecido, o que tornou o ingresso no grupo um tanto quanto preocupante, já que inevitavelmente um sentimento de insegurança e incerteza se instalou sobre mim. Questionamentos como: e se eu não conseguir desenvolver um vínculo com as crianças? Eu vou ter que brincar? Será que eu vou saber brincar com elas? Será que eu consigo dar conta desse desafio?

Um grupo pode ser entendido como um microcosmo da vida, podendo, na ocasião do encontro emergir questões ligadas com dificuldades pessoais e de relacionamento. Todavia, conforme salienta Polster (2001) é a partir do encontro real das pessoas, que as oportunidades de crescimento surgirão em decorrência dos atritos reais e da elaboração das resoluções.

“Minha tendência é trabalhar o grupo como um todo e entender qualquer coisa que ocorra no grupo como algo que pertence à matriz grupal. O grupo passa a ser unidade de referência. As coisas encontram sentido na relação existencial dos seus participantes, como sendo provocadas por uma entidade anterior à soma dos problemas dos seus indivíduos. Essa postura encontra maior sustentação na Teoria do Campo e na Holística. A Fenomenologia vem ao encontro dessa visão, ensinando como observar, como ler cuidadosamente o que está acontecendo”. (RIBEIRO, 1994, p.54).

Na ocasião em que fui convidado para ingressar no grupo os outros terapeutas que já o integravam salientaram que o grupo era composto por quatro crianças advindas de um lar de acolhimento, e, que era de suma importância que eu só decidisse entrar se fosse ficar, uma vez que a questão da formação e perda de vínculos era um assunto muito delicado para as crianças.

Em decorrência da situação acima descrita, uma das imposições feitas pelos outros terapeutas, para que o meu ingresso no grupo fosse viabilizado foi o compromisso de que eu não saísse até o final do ano, já que as crianças são muito sensíveis às perdas, sobretudo de pessoas próximas, uma vez que todas as crianças tinham em seu histórico afetivo o afastamento dos pais, além do fato de que por viverem em um Lar de acolhimento estão sempre tendo que vivenciar a experiência de ver um amigo ou até um irmão ser adotado ou apadrinhado, sem falar da rotatividade dos profissionais que integram a equipe do lar de acolhimento. Assim, o ingresso no grupo se configurou como um desafio ainda maior em decorrência do compromisso de que boa ou ruim a experiência, eu teria que entrar e ir até o final do estágio.

Além de toda a insegurança com relação às crianças, o fato de que o grupo já era composto por dois terapeutas também era um pouco incomodo, pois inevitavelmente surgia o questionamento acerca da real existência de espaço para mim. Qual papel eu iria desempenhar? Até onde eu poderia ir? Como seria a interação com os outros terapeutas? Eu iria poder ter um papel ativo ou iria ficar mais observando? Como conseguir estabelecer um vínculo em um grupo que já estava em andamento? Será que eu ia conseguir ocupar um espaço a ponto de ser incluído nas discussões e planejamentos com os outros terapeutas? Todas as questões acima citadas foram incontáveis vezes feitas por mim antes de aceitar ingressar.

Um dos fenômenos de maior importância é o desenvolvimento de fortes vínculos afetivos, tanto em sentido positivo quanto negativo, que tendem a se estabelecer entre os participantes e destes para

com o terapeuta. Via de regra misturam-se aspectos da relação presente com experiências pessoais não pertencentes à situação grupal. (THELLEGEN, 1984, p.77)

Foi apenas depois de uma supervisão individual em que eu levei todos questionamentos para discutir com o supervisor, que me tranquilizei sobre a maioria das questões. Em resposta às minhas indagações, meu supervisor salientou em um grupo terapêutico há inevitavelmente um entrelaçado interpessoal e intrapessoal e que o Gestalt-terapeuta vivencia tais relações não só como psicólogo, mas também como pessoa, e, que é possível adotar uma postura de neutralidade e distância em determinado momento e uma postura mais aberta à trocas em outro.

Ao contrário do que eu tinha como expectativa, ele disse que o papel de um Gestalt-terapeuta em um grupo é o de observar o fenômeno e interagir, inexistindo necessidade de ser propositivo e incisivo e de dar significado aos acontecimentos. Em outras palavras, ele me tranquilizou sobre o meu questionamento acerca de estar preparado teoricamente para ingressar no grupo e me disse para simplesmente deixar as coisas acontecerem e relaxar, vivenciar o contato e as experiências e ver quais fenômenos surgiriam.

Após o feedback do supervisor o meu olhar sobre o ingresso no grupo passou a ser o de que seria um desafio instigante e que eu deveria sim desbravar esse campo desconhecido. Fiquei muito motivado e fui falar com os outros terapeutas que compunham o grupo para dizer que eu ingressaria. Ambos concordaram e pediram uma semana para preparar as crianças para dizer a elas que outro terapeuta entraria no grupo e que ficaria até o fim do ano, pois elas precisavam saber que existia um prazo final para a minha participação, já que a questão do estabelecimento e perda de vínculos era muito sensível para elas.

Assim, deu-se o primeiro momento de experiência, o momento das expectativas e questionamentos sobre minha capacidade para entrar no grupo, conhecimento teórico, traquejo com as crianças, relação com os outros terapeutas e papel que desempenharia.

2 - Os Primeiros Meses – Entrando em Contato

Após meu ingresso, o grupo terapêutico com as crianças advindas do lar de acolhimento ocorreu semanalmente, sendo composto por 4 crianças com idades que variam entre 8 e 13 anos, sendo duas meninas e dois meninos, mais precisamente dois casais de irmãos, por mim e por mais dois terapeutas.

Em cada encontro, do início até o final, o grupo passou, por três momentos distintos, sendo o primeiro uma roda em que todos os participantes e terapeutas sentavam em um círculo e cada um se expressava um pouco sobre o que estava sentindo e como foi a semana, inexistindo obrigatoriedade em falar, cada um salientava o que queria e se quisesse.

Era um momento importante para que as crianças trouxessem assuntos ou demandas que estivessem lhes incomodando ou que tivessem sido importantes ao longo da última semana.

Uma vez trazidos os conteúdos pelas crianças, alguns questionamentos eram feitos às mesmas no intuito de empossá-las daquelas reflexões específicas, para que elas pudessem entrar em contato com o real sentimento que emanava daquelas experiências, como, por exemplo, depois da fala de uma das crianças acerca da possibilidade de algumas das crianças saírem do lar de acolhimento e irem para outro lar, o que separaria o grupo.

Assim, alguns questionamentos foram feitos às crianças, sobretudo, no que diz respeito ao sentimento delas sobre tal fato, como elas imaginavam que seria separar o grupo? Como seria ir para outro Lar? Como seria deixar o lar em que viviam? Ou seja, questionamentos que provocaram uma reflexão sobre aquela experiência específica e que forneceram a possibilidade às crianças de entrar em contato e de acessar conteúdos emocionais que emanavam daquele fato.

A Gestalt-terapia valoriza o processo de autodescoberta, ou, como salienta Zinker (2007), o encontro existencial, proporcionando a compreensão das mudanças a partir do processo de awareness. Que, como afirma Yontef (1998, p.215), é “uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético”.

No segundo momento do grupo as crianças ficavam livres para brincar e interagir. Todos, incluindo os terapeutas participavam das brincadeiras, que, eram escolhidas aleatoriamente de acordo com a vontade das crianças, o que foi um pouco difícil para mim, já que brincar de espada, por exemplo é uma atividade que não praticava desde a infância e entrar na brincadeira e me soltar não foi nada fácil. De fato, brincar não era uma atividade fácil para mim, o que me motivou a buscar um pouco mais de base teórica sobre o assunto.

“Na Gestalt-Terapia, o movimento de ir ao encontro da criança, encontrá-la em seu mundo e envolver-se em sua brincadeira durante as sessões é a base da condução do processo terapêutico. É essa imersão do terapeuta no mundo da criança que a permite ser ela mesma e ter sua expressão facilitada por esse processo de aceitação da criança.

Nesse sentido, o movimento da criança em seu brincar vem modificar, ajustar, a relação da criança com seu meio e consigo mesma. Quando se analisa o brincar e a abordagem gestáltica é interessante pensar como esses dois eixos se entrelaçam, permitindo constatar que a perspectiva do predomínio da linguagem lúdica nas crianças se articula perfeitamente com a visão gestáltica de homem, que considera a linguagem verbal não só uma entre várias possibilidades de contato entre o indivíduo e o meio como também a que se apresenta mais tarde e se desenvolve devagar.” (AGUIAR apud LIMA e LIMA, 2014).

Por meio do brincar é possível observar alguns conteúdos que as crianças podem ter dificuldade de racionalizar e expressar, por exemplo, uma ansiedade exacerbada que se

manifesta em um jogo, que, pode apontar para alguma demanda mais complexa pela qual a criança esteja vivenciado e precisando de maior atenção.

“ Pode-se concluir, portanto, que o brincar é o meio facilitador da expressão da criança, uma forma de estabelecer contato facilitando o diálogo, sendo este um processo que exige cuidado e respeito. Ingressar no mundo da criança, ir ao seu encontro, deixar que ela traga para o espaço terapêutico suas necessidades é antes de tudo ser criança com a criança que está à sua frente. Assim, o gestaltista desenvolve um olhar atento à experiência do brincar, despojado da intenção de interpretar o fenômeno que vê”. (LIMA e LIMA apud NUNES; RODRIGUES, 2010, p.2).

Em um dos encontros do grupo foi possível perceber que uma das crianças, ao participar de um jogo de tabuleiro e dados, manifestou um comportamento condizente com o de uma criança muito ansiosa. Ao jogar o dado ela mal deixava que o dado corresse, já o pegava novamente nas mãos e adotava a mesma postura até na vez dos outros participantes do jogo. Ou seja, para mim, ela estava tão ansiosa que não deixava ninguém pegar no dado, praticamente só ela jogava e via os resultados, para, logo depois mover os pinos de cada um no tabuleiro.

Inicialmente, me questionei sobre a postura dos outros terapeutas do grupo não apontarem tal percepção, contudo, recordei-me de alguns estudos realizados sobre o brincar, sobretudo, no que se referia a não atribuição de significados imediatos aos fenômenos por parte dos terapeutas.

“Também é importante ressaltar que o psicoterapeuta não precisa entender o significado daquele brincar, pois ele vai ser apontado pela criança em seu processo de awareness e na ampliação das funções de contato. Não há como “entender” a brincadeira da criança se nem mesmo ela, naquele momento, consegue fazê-lo! A exigência do psicoterapeuta de dar um sentido à brincadeira da criança parece estar profundamente enraizada em uma perspectiva interpretativa que perpassa sua graduação e infiltra-se em sua prática, ainda que ele tenha escolhido desenvolvê-la com base em um paradigma diferente, como o da Gestalt-terapia. Dessa forma, ele precisa ficar atento à possibilidade de suspender o juízo de valores, afim de manter uma postura fenomenológica na relação terapêutica, para que esta possa ser realmente terapêutica e não meramente recreativa ou educativa”. (AGUIAR , 2014, p. 164)

Esse foi o primeiro momento em que consegui fazer um link entre a teoria e a vivência prática no grupo. Foi uma experiência interessante que me proporcionou um conforto no sentido de saber que ao longo do tempo, provavelmente as questões que tanto me intrigavam iriam gradativamente se desmistificar.

O terceiro momento dos encontros ocorria nos minutos finais, quando, mais uma vez, era feito um círculo e cada um podia falar o que quisesse sobre o encontro, as brincadeiras ou sobre as reflexões que fizeram no dia, também almejando fortalecer o contato e o awareness.

Um episódio significativo de outro encontro foi uma atividade desenvolvida com papéis e lápis de cor para que as crianças pudessem desenhar e escrever cartões para o dia das mães, atividade requerida pelas próprias crianças. Sobre as atividades com recursos lúdicos Luciana Aguiar (2015, p.187), salienta que os recursos lúdicos podem ser divididos em dois blocos:

No primeiro bloco, temos os recursos lúdicos estruturados – que, como os termos indicam, têm uma estrutura prévia carregada de significado consensual e costumam atrair a atenção das crianças exatamente a partir dele.

[...]

No segundo bloco, estão os denominados recursos não estruturados, que não têm uma estrutura prévia com significado consensual. Prestam-se sobretudo à expressão da experiência da criança com atribuição de significados próprios:

- *[...]*
- *Giz de cera, lápis de cor, caneta hidrocor.*
- *[...]*

Assim, uma vez utilizados os recursos não estruturados para desenvolver a atividade, busquei observar os conteúdos trazidos pelas crianças nos desenhos. Ocorre que, o dia das mães é uma data bastante significativa pois as crianças vivem no lar de acolhimento, estando em situação de destituição do poder parental ou prontas para serem adotadas. Contudo, algumas ainda não foram definitivamente destituídas de seus pais biológicos. Logo, a referida data se apresentou como um momento delicado para ser vivenciado pelas crianças e para ser trabalhado no grupo.

Ocorre que, em determinado momento, uma das crianças pediu para que eu desenhasse um coração no cartão que ele iria enviar para a mãe, pedido rejeitado por mim sob o argumento de que a criança poderia desenhar o coração no próprio cartão. A criança não aceitou e começou a insistir bastante, ocasião em que eu peguei um outro papel e mostrei para ela como se fazia um coração, para que ela mesma fizesse no cartão dela.

A criança não aceitou e, quando se deparou com a situação de frustração se retirou da roda e ficou no canto da sala encolhida e olhando para o chão, momento em que outro terapeuta foi até o seu encontro e questionou o motivo de ela não ter feito o próprio cartão, obtendo como resposta de que ele não sabia fazer um coração bonito.

Embora buscar significados e compreensões para as reações das crianças não seja o objetivo específico do grupo, e, a abordagem gestáltica com as crianças não tenha foco em

atribuir significados, percebi que a criança apresenta dificuldades com situações que demandam frustração de suas vontades, e, ao que pareceu, o fato de a atividade estar ligada ao dia das mães tornou a questão ainda mais sensível para a criança.

A frustração não é um sentimento simples, seja para uma criança, seja pra um adulto, e, ela é experienciada no grupo por todos os integrantes, sejam eles clientes ou terapeutas. Contudo, ela pode ser vivenciada de maneira saudável, servindo de força motriz para que a pessoa desenvolva recursos internos para aprender a suportar as faltas. Assim, talvez aquele momento em que neguei o pedido da criança e, posteriormente quando questionada pelo outro terapeuta integrante do grupo sobre o ocorrido, é possível que à criança tenha sido aberta a oportunidade de aprender com a frustração.

“Sem frustração não existe necessidade, não existe razão para mobilizar os próprios recursos, para descobrir a própria capacidade, para fazer alguma coisa; e, a fim de não se frustrar, o que é uma experiência muito dolorosa, a criança aprende a manipular o ambiente.” (PERLS, 1977, p.54)

3 - Vinculado Ao Grupo – Adotando Um Papel Mais Ativo

Passados mais alguns meses, uma das terapeutas integrantes do grupo precisou se submeter a um procedimento cirúrgico, o que a deixou afastada por um mês, e, após o regresso dela, o outro terapeuta integrante decidiu que iria precisar sair em definitivo do grupo. Assim, tive que assumir uma postura mais ativa, o que foi um desafio, contudo, eu já estava me sentindo mais integrado, seguro e mais participativo.

Tal fato foi desafiador e instigante, pois a ausência da outra terapeuta modificou significativamente o funcionamento do grupo e me deixou em uma situação de maior responsabilidade, já que o grupo não funcionaria apenas com um terapeuta. Passei a auxiliar significativamente o funcionamento do grupo, além de ter maior participação nas atividades, já que o número de terapeutas estava reduzido.

Embora seja possível se colocar em uma posição de horizontalidade, não há como ignorar o fato de que a inserção no grupo está ligada ao papel de psicólogo, existe inevitavelmente uma demarcação de um lugar em decorrência de tal função, mesmo que a Gestalt-terapia veja como factível oscilar entre o centro ou ao lado dos clientes.

No processo gestáltico, embora o terapeuta seja claramente uma autoridade, ele tem livre movimentação dentro do grupo. Ele pode escolher estar no centro, estimulando ativamente o trabalho individual com os membros do grupo, ou preferir recuar, afastando-se do centro e participando como um dos componentes. (ZINKER, 2007 p.185)

Outro ponto que foi muito intrigante nos primeiros meses foi a questão da autoridade, pois, por ainda não estar totalmente à vontade tanto no traquejo com as crianças como na

interação com os demais terapeutas, senti um pouco de dificuldade de me posicionar no grupo nas ocasiões em que poderia ter feito alguns apontamentos ou tomado algumas atitudes para coibir alguns comportamentos violentos das crianças. Todavia, no período em que tive que assumir um papel mais ativo, naturalmente me senti mais à vontade para exercer a autoridade necessária e me posicionar com mais segurança.

Outro fato que ocorria no início da minha participação era a questão de que todas as decisões sobre o grupo ainda eram predominantemente tomadas pelos outros dois terapeutas, além de serem eles os únicos que tinham contato com as pessoas responsáveis pelo lar de acolhimento em que as crianças vivem. Entretanto, dada a necessidade de que eu assumisse um papel mais ativo e, cientes de que o grupo passaria a contar comigo e apenas com mais um terapeuta, a minha inserção no contexto do planejamento e administração foi ampliada.

Em outro encontro, um ponto que chamou a atenção foi o fato de as crianças pedirem para que fossem passados filmes durante o horário do grupo. E, para a minha surpresa, as crianças pediram para ver filmes de terror, e sempre com relatos de cenas violentas ou cenas em que apareciam pessoas nuas.

Assim que falaram sobre filmes, pensei em algo como “Divertida Mente”, ou seja, um filme que tivesse um cunho terapêutico e pudesse trazer alguma reflexão. Fiquei tão surpreso com os filmes requeridos pelas crianças que resolvi levar o tema para a supervisão. E, em supervisão, após trazer o tema para debate fui provado pelo supervisor no sentido de questionar por qual motivo as crianças estavam requerendo tal tipo de conteúdo.

De início, salientei que não entendia o motivo de as crianças terem acesso a tal tipo de filme no lar de acolhimento e que tal fato precisava ser conversado com os responsáveis pelo local. Posteriormente, frisei que filmes de terror causam excitação, e, por terem as crianças falado exatamente sobre as cenas em que apareciam pessoas nuas, uma das possibilidades para que as crianças tivessem interesse demasiado por tais filmes poderia ser estar ligada à sexualidade já que algumas das crianças do grupo estavam em idade de final do período da infância e início da pré-adolescência.

Assim, o supervisor salientou que no decorrer dos próximos encontros, talvez fosse o caso de tratar da questão com as crianças, no sentido de falar mais sobre os filmes de terror e fazer questionamentos sobre o motivo pelo qual elas gostam de tais filmes, e, caso surgissem questões ligadas à sexualidade, tratar as questões com naturalidade e fazer provocações no sentido de que elas se questionassem e que pudessem se empossar de tais reflexões.

Uma vez ciente de que o grupo ficaria desfalcado por um mês de uma terapeuta por motivos médicos, e que após o regresso dela, o outro terapeuta deixaria o grupo em definitivo, a questão do vínculo sua perda para as crianças veio à tona novamente, e, passamos a pensar em como trabalhar os desligamentos no grupo.

Além da mudança acima citada, outra questão que mereceu destaque foi o fato de o próprio lar onde as crianças residem também estava passando por modificações dentro da equipe. A psicóloga que acompanhava o grupo as outras crianças no lar foi substituída por outra profissional, o que demandou a necessidade de realizar uma reunião entre a psicóloga antiga do lar, a nova psicóloga, os terapeutas do grupo e eu, para que fossem debatidos alguns pontos objetivando ajustar as modificações acima citadas.

Assim, visando trabalhar a temática das perdas afetivas, e, sobretudo em decorrência da saída de um dos terapeutas do grupo, deu-se início ao planejamento da uma intervenção que visasse trabalhar tal temática com as crianças. E, como as crianças vinham pedindo para ver um filme durante um dos encontros, iniciou-se o planejamento para um filme que trabalhasse a questão das perdas afetivas, e, ao mesmo tempo, atendesse ao pleito das crianças no sentido de que fosse um filme com um viés mais voltado para o terror. Após debatermos sobre alguns filmes, escolhemos o filme “Sete Minutos Depois Da Meia Noite”.

A escolha de tal filme pareceu ser bastante apropriada uma vez que o filme tem como temática a questão da perda afetiva e de rearranjos familiares, temas muito relevantes para o grupo. O referido filme abre a possibilidade de olhar para as alternativas criativas para lidar com conflitos internos e externos. Na relação com uma árvore monstruosa, o garoto protagonista do filme encontra o suporte para se ajustar criativamente aos desafios que enfrentava.

“Conor é um garoto de 13 anos de idade, com muitos problemas na vida. Seu pai é muito ausente, a mãe sofre um câncer em fase terminal, a avó é uma megera, e ele é maltratado na escola pelos colegas. No entanto, todas as noites Conor tem o mesmo sonho, com uma gigantesca árvore que decide contar histórias para ele, em troca de escutar as histórias do garoto. Embora as conversas com a árvore tenham consequências negativas na vida real, elas ajudam Conor a escapar das dificuldades através do mundo da fantasia.” (SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA NOITE, 2016)

Durante o filme, as crianças foram perdendo o foco à medida em que a trama ia se desenrolando. E, após o final, abriu-se uma roda de conversa para que as crianças pudessem expressar o sentimento sobre o filme e, sobre como estavam se sentindo com a saída de um dos terapeutas do grupo. Contudo, as crianças foram muito resistentes e não quiseram verbalizar nada, embora estivessem com uma postura corporal cabisbaixa.

Na semana seguinte, tendo em vista que as crianças tiveram dificuldade em se expressar verbalmente, foi proposta uma atividade com argila, para que elas moldassem a argila de acordo com o que estavam sentindo com relação à ausência do terapeuta que saiu em definitivo do grupo ou com relação a algum conteúdo do filme.

Mais uma vez, as crianças tiveram dificuldade em se expressar. Inicialmente, não quiseram realizar a atividade, e, ao final, todas as crianças entregaram a argila remexida más sem

nenhuma forma atribuída à elas, como se não conseguissem formular nada sobre o tema da atividade. Seria uma espécie de mecanismo defesa?

Sobre os mecanismos de defesa, parece ter sido a deflexão o mecanismo atuante. Que, pode ser entendida como uma forma de evitação do contato com conteúdos ou com o outro. Polster (2001) salienta que a ação fica menos efetiva e sem alvo.

“Quem usa a deflexão se envolve com seu ambiente mediante acertos e erros, entretanto, para ele isso geralmente se transforma em muitos erros com apenas alguns acertos – na maioria acidentais. Assim, ou ele não investe energia suficiente para obter um retorno razoável, ou investe sem foco e a energia se evapora. Ele termina esgotando e com pouco retorno – arruinado”.
(POLSTER; POLSTER, 2001, p.86)

Ao me deparar com toda a argila remexida e sem nenhuma forma, pensei inicialmente que duas hipóteses eram possíveis. Na primeira, poderia se tratar de um mecanismo de defesa das crianças para não entrar em contato com a questão das perdas de vínculos afetivos, seria aparentemente uma espécie de deflexão. E, a outra hipótese é a que a argila desforme representava exatamente o sentimento das crianças, ou seja, uma forma Complexa e com dificuldade de elaboração.

Finalizando o Grupo

Algumas semanas após a saída de um dos terapeutas e, após as intervenções do filme e da argila, o grupo das crianças não compareceu por duas semanas consecutivas ao local de atendimento, e, quando entramos em contato com os responsáveis pelo lar de acolhimento fomos informados que a ausência se deu por dificuldades de locomoção, já que o veículo utilizado para transportar as crianças estava em manutenção.

Posteriormente, a data do encontro seguinte coincidiu com o dia das crianças, o que ocasionou mais uma falta do grupo. E, mais uma vez, na semana seguinte, em decorrência de problemas com o veículo, outra ausência foi registrada. As faltas não foram prontamente noticiadas pelo lar de acolhimento, e, tivemos que procurar pelos responsáveis do lar para saber o que estava motivando a ausência sucessiva das crianças.

Na semana seguinte, preocupados com o andamento do grupo e as sucessivas ausências das crianças, entramos em contato com a psicologia que trabalha no lar de acolhimento e fomos informados que o lar estava passando por dificuldades financeiras e que iria ter que finalizar o grupo e, talvez até ter que fechar as portas e transferir as crianças para outros lares de acolhimento, notícia que recebi com surpresa e tristeza.

Pairou sobre mim um duplo sentimento de frustração, primeiro pela falta de comunicação do lar de acolhimento conosco e a falta de zelo pela continuidade do grupo, e, também pelo fato de que o grupo seria encerrado, o que configuraria mais uma perda para as crianças.

Assim, na semana seguinte marcamos um encontro para finalizar o grupo, que, foi dividido em dois momentos. No primeiro, nos reunimos com a psicóloga do lar de acolhimento para fazer um fechamento entre os terapeutas, ocasião em que fomos informados que todas as crianças do grupo foram apadrinhadas e que o lar solicitou para os padrinhos que procurassem bancar terapia individual para cada uma delas, o que me deixou um pouco mais tranquilo e menos frustrado. No segundo momento, fomos até a recepção local onde as crianças aguardavam, e conduzimos as conduzimos até a sala.

Pedimos para que em uma roda composta por todas as crianças, eu, a co-terapeuta do grupo e a psicóloga do lar, a notícia do fim do grupo fosse dada pela psicóloga do lar, e que ela explicasse a motivação para tal fato. Posteriormente, foi facultada a palavra às crianças, que, manifestaram a vontade de permanecer no grupo e a tristeza por tal momento.

Me senti frustrado com o fim do grupo, contudo, fiquei mais consolado ao saber que as crianças foram apadrinhadas, e, em minha fala final às crianças, expus que tinha sido muito bom conhecer e brincar com cada uma delas e que eu ia ter saudades. Por fim, falei que estava feliz em saber que cada uma tinha recebido um padrinho e que a vida era assim, um ciclo termina para que outro logo ser iniciado.

Por fim, ficou a conclusão de que perceber e deixar a frustração se tornar figura me serviu como ferramenta para amadurecer e refletir sobre toda a trajetória, desde o momento do convite para ingressar, passando pelas primeiras experiências, até o momento em que eu estava me sentindo seguro e encaixado dentro do grupo e ele foi finalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como base toda a trajetória percorrida ao longo do ano no grupo psicoterapêutico com crianças na clínica, contemplando os relatos, reflexões e percepções ocorridas desde o momento prévio ao ingresso no grupo, até o momento em que ele foi finalizado. Embora cada fenômeno esteja diretamente ligado aos seus contextos específicos, espero que o presente relato de experiência sirva como fonte de aprendizado para os estudantes da graduação em psicologia, psicólogos e estudiosos em geral da Gestalt-terapia.

Ao analisar toda a trajetória percorrida por mim ao longo do ano, percebi que pude adquirir um grande amadurecimento em decorrência da participação no grupo, e que a cada encontro era possível, cada vez mais, entrar em contato. É a partir do contato que as mudanças começam a emergir, sendo, para a Gestalt-terapia, o entrar em contato um fenômeno primordial para que os ajustamentos no campo aconteçam.

Sabe-se que mesmo depois do tempo do processo terapêutico há uma continuidade que perdura para além do ambiente do consultório e reverbera por muito tempo. Assim, é fato que os contatos ocorridos durante o grupo irão reverberar na vida de todos os integrantes mesmo com o término do grupo.

Todas as dúvidas e medos que eu tinha sobre o estabelecimento do vínculo com o grupo, sobre o trabalho com crianças e o pequeno conhecimento teórico sobre a Gestalt-terapia,

foram gradativamente se suavizando, uma vez que a cada encontro era possível entrar em contato com tais questões e, dessa forma, alcançar um entendimento mais maduro e apropriado. Percebi que a coesão do grupo é um fenômeno natural e que o vínculo acontece naturalmente, e, que o brincar é possível e divertido se você se permitir entrar em contato verdadeiramente com as crianças.

Embora a experiência vivenciada no grupo tenha sido o ponto central desse trabalho, acredito que pontos importantes como a articulação entre a psicoterapia infantil, psicoterapia em grupo e a Gestalt-terapia, o papel do Gestalt-terapeuta, e a forma como os vínculos são estabelecidos foram devidamente contemplados.

Ao final do processo, percebi que não existem respostas prontas, e que a insegurança que me dominava no início, passou a ser uma força motivadora para meu amadurecimento como pessoa e como futuro profissional da Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR L. *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2015.

AXLINE, V. M. *Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança*. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.

BEHELLI L. C.; SANTOS, M. A. *O terapeuta na psicoterapia de grupo*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 249-254, Apr. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200018&lng=en&nrm=iso>.

BORIS, G. J. B. *Elementos para uma história da psicoterapia de grupo*. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 206-212, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2017.

CARDOSO, C. L. *Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades*. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, abr. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 mar. 2017.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.

_____. *Além do princípio do prazer*. In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.

FUKUMITSU O; FRAZÃO L. M. *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo : Summus, 2013.

KLEIN, M. *Psicanálise das crianças*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LIMA G. C.; LIMA, D.M.A. - O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da Gestalt-terapia. *Revista IGT na Rede*, Rio de Janeiro: v. 12, nº 22, 2015. p. 28 – 52. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>, Acesso em: 13 mai. 2017.

PERLS, F.S. *Gestalt-Terapia Explicada*. São Paulo: Summus, 1977.

POLSTER,E.; POLSTER,M. *Gestalt- Terapia Integrada*. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J. P. *Gestalt-terapia: O Processo Grupal: Uma Abordagem Fenomenológica da Teoria do Campo e Holística*. São Paulo: Summus, 1994.

SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE. Direção: Juan Antonio Bayona, Diamond Filmes : Espanha, 2016, 1 DVD.

THELLEGEN, A. THERESE. *Grupo como sistemas: A função do terapeuta*. In: *Gestalt e Grupos Uma Perspectiva Sistêmica*. São Paulo: Summus, 1984.

WINNICOTT, D. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YONTEF, G.M. *Processo, Diálogo e Awareness*. São Paulo: Summus, 1988.

ZINKER, J. *Processo criativo em Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus, 2007.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente TCC - Trabalho de Conclusão de Curso - teve como base toda a trajetória percorrida ao longo do ano no grupo psicoterapêutico com crianças na clínica, e contempla os relatos, reflexões e percepções ocorridas desde o momento prévio ao ingresso no grupo, até o momento em que ele foi finalizado. Embora cada fenômeno esteja diretamente ligado aos seus contextos específicos, espera-se que o presente relato de experiência sirva como fonte de aprendizado para os estudantes da graduação em psicologia, psicólogos e estudiosos em geral da Gestalt-terapia.

A inserção como co-terapeuta em um grupo que já existia e que era formado por crianças advindas de um lar de acolhimento, foi, sem dúvidas, uma grande oportunidade para entrar em contato com uma série de questões diretamente ligadas ao amadurecimento profissional e pessoal. Questões relacionadas à insegurança e capacidade de trabalho foram vivenciadas e desmistificadas ao longo de todo o período em que ocorreu o acompanhamento do grupo, além de ter sido possível realizar uma articulação entre a teoria e a prática.

Ao analisar toda a trajetória percorrida ao longo do ano, foi possível perceber um grande amadurecimento em decorrência da participação no grupo, e que a cada encontro, foi possível entrar cada vez mais em contato. É a partir do contato que as mudanças começam a emergir, sendo, para a Gestalt-terapia, o entrar em contato um fenômeno primordial para que os ajustamentos no campo aconteçam.

Sabe-se que mesmo depois do tempo do processo terapêutico, há uma continuidade que perdura para além do ambiente do consultório e por muito tempo. Assim, é fato que os contatos ocorridos durante o grupo irão reverberar na vida de todos os integrantes mesmo com o término do grupo.

Todas as dúvidas e medos relacionadas ao estabelecimento do vínculo com o grupo, sobre o trabalho com crianças e o pequeno conhecimento teórico sobre a Gestalt-terapia, foram gradativamente se suavizando, uma vez que a cada encontro foi possível entrar em contato com tais questões e, dessa forma, alcançar um entendimento mais maduro e apropriado. Dentre as conclusões que surgiram ao longo do processo, uma delas foi o fato de que a coesão do grupo é um fenômeno natural e que o vínculo acontece espontaneamente, e, que o brincar é possível e divertido se o terapeuta se permitir entrar em contato verdadeiramente com as crianças.

Embora a experiência vivenciada no grupo tenha sido o ponto central do trabalho, pontos importantes como a articulação entre a psicoterapia infantil, psicoterapia em grupo a Gestalt-terapia, o papel do Gestalt-terapeuta, e a forma como os vínculos são estabelecidos foram devidamente contemplados e abordados.

Ao final do processo, concluiu-se que não existem respostas prontas, e que a insegurança do início, passou a ser uma força motivadora para o amadurecimento como pessoa e como futuro profissional da psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.

AGUIAR L. Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2015.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.

KLEIN, M. Psicanálise das crianças. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

WINNICOTT, D. O Brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

AXLINE, V. M. (1984). *Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança*. Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1947)

BECHELLI, Luiz Paulo de C.; SANTOS, Manoel Antônio dos. O terapeuta na psicoterapia de grupo. *Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto*, v. 13, n. 2, p. 249-254, Apr. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200018&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000200018>.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. *Rev. abordagem gestalt., Goiânia*, v. 20, n. 2, p. 206-212, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2017.

CARDOSO, Claudia Lins. Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, abr. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 mar. 2017.

GESTALT-TERAPIA: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas / Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu [organizadoras]. – São Paulo : Summus, 2013 – (Coleção Gestalt-terapia : fundamentos e práticas)

YONTEF, G.M. Processo, Diálogo e Awareness. São Paulo: Summus, 1988.

PERLS, F., HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1997.

AGUIAR L. Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

AMATUZZI, M. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M.; HOLANDA, A. (org.) Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas. São Paulo: Ômega Editora, 2001. p.17-26).

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J.; DESURIERS, J.; GROULX, L.; PERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

ANEXOS

Atendendo às normas do trabalho de conclusão de curso da FPS, as normas para submissão da Revista IGT na Rede são prontadas no seguinte link:

<https://www.igt.psc.br/ojs/submissions.php>